

JOSÉ MARIA MONTEIRO

Cauborn
de 09/9

SBAT
LIBERADO EXCLUSIVAMENTE
PARA FINS DE CENSURA AD-
TO. AS REPRESENTAÇÕES
SUJEITAS À NOVA AUTORIZAÇÃO

REPRESENTANTE NO R. G. SUL

PRIMA DONNA

Farsa em 1 ato



Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

(Representada pela 1.^a vez no Teatro Duse, em 23 de novembro
de 1952 e reprisada no Teatro de Bolso, em 1956).



Edição da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais



"PRIMA DONNA" E A CRÍTICA

"Um espetáculo novo e bom" — Última Hora.

"A farsa de J. M. Monteiro mantém atida a graça e o mesmo interesse de quando a vimos em 52, no Duse. Isso já diz bastante da qualidade desse ato, que 4 anos depois (apesar de toda a "atualização") continua divertindo grandemente o público, cumprindo sua finalidade maior, sem grandes pretensões" — João Augusto (Tribuna da Imprensa).



José Maria Monteiro

"O mérito maior de "Prima Donna" está, pois, para nós, ao lado de suas qualidades teatrais, no fato de ser uma sátira ao teatro carioca, até mesmo construtiva e, mais ainda, no de colocar muito oportunamente o conflito de duas concepções de teatro, o choque de duas mentalidades" — Henrique César (Diário de Notícias).

"Tem muita graça esse espetáculo do teatro do teatro. O tom de farsa justifica o evidente sucesso do texto e da representação. O propósito de satirizar divertindo, é plenamente alcançado" — Mário Nunes (Jornal do Brasil).

"Não custa reafirmar que se trata de uma deliciosa sátira imaginada com inteligência e realizada agora em melhores condições de rendimento cômico" — Aldo Calvet (Última Hora).

"Prima donna é assim uma interessante brincadeira que termina com o grito da estrela em busca de autores de melodrama" — Francisco P. Silva (Diário Cariocas).

"Dissemos que o autor era um escritor de farsa 100%. Em nada alteramos nossa afirmativa". Maria Santa Cruz (O Dia).

"Não se deve perder o programa todo, pois tem na sua segunda parte a farsa brilhantíssima do sr. José Maria Monteiro: "Prima donna". Paschoal C. Magno. (Correio da Manhã).

"O ato é muito bem construído e atual, é universal e divertidíssimo" — Agnelo Macedo (Jornal do Comércio).

"É uma charge à gente de teatro, na qual o autor teve a habilidade de usar a caricatura, como se fugisse à identificação por parte da platéia aos tipos que apresenta. E com isso consegue ser, além de autor, como diretor, um excelente rendimento". Gustavo Dória (O Globo).

"Havia momentos em que tínhamos a impressão de que eram os atores que estavam rindo do público, tão nítida era a identificação de certos personagens com as figuras da sala. Vimos, por exemplo, um crítico militante reconhecer-se numa das "falsas" do ator. Tudo isso nos foi apresentado num ritmo rápido e abaixo da reação favorável de um público que se divertia imensamente" — Geraldo Queiros (Suplemento do Jornal do Brasil).

"José Maria faz teatro, com toda a graça e a malícia possível, do próprio teatro. Está bem no meio entre o "sketch" de revista e Fardesau, entre a página do "pif-paf" e Martins Penna". Rugero Jacobbi (Para Todos).

"É uma deliciosa sátira, um choque entre o velho e o novo teatro, uma história que vale muito mais a pena ser vista do que contada. São promessas do autor e diretor J. M. Monteiro, a, confesso, moerri de rir". — Eneida (Diário de Notícias).

"Farsa satírica, estreada no Duse, há quatro anos atrás, retornou ao palco com algumas atualizações em seu texto, mas trazendo ainda bem retratada a "vetete" volunvariosa, pedante, da qual faz caricatura" — Jota Filho (Jornal dos Sports).

"A alegre noite, que foi a da estreia dessa peça, já tão elogiada pela crítica, no palco pequeníssimo e inteligentemente aumentado pelos bons cenários de Nilson Penna e pelo aproveitamento das 2 portas de entrada e parte da platéia, pelo sr. José Maria Monteiro" — Arnaldo V. Carrahalo (O Cruzeiro).

PERSONAGENS E INTERPRETES NO TEATRO DE BOLSO:

PONTO	Orlando Macedo
DIRETOR	Aurimar Rocha
ATOR	Luiz D'Ávila
ATRIZ	Teresa Raquel
EMPRESÁRIO	Ilídio Costa
AUTOR	José Madeira
1.ª CANDIDATA	Marilú Bueno
2.ª CANDIDATA	Esther Mellinger
3.ª CANDIDATA	Elvira de la Vega

Direção do autor — Cenário de Nilson Penna

Esta peça só poderá ser representada mediante autorização da
SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAES.

Teatro de Arena
 Av. Borges de Medeiros, 835
 Fone: 226.0242 - CEP 90020-025





ATO ÚNICO

CENÁRIO

Quando começa o espetáculo, o palco está no escuro. Para fechado.

Conforme o teatro, o PONTO entra, pela platéia ou pelo palco propriamente. Abre o pano e grita para a cortina:

PONTO — Cavaquinho, o' Cavaquinho! Acorda, homem, que o senhor Diretor não deve tardar. Está na hora do ensaio. (Acende a luz. Vê o palco desarmado e exclama:) Bonito! Não tem ninguém. (Tira o casaco, trechoando por um guardapó e fala:) Pedro, mãos à obra. Mostra para essa gente nova, que em teatro não há grandes nem pequenos papéis. Existem artistas, como você. (Põe no lugar uma poltrona de braços para o Diretor. Coloca um sofá no meio da cena. Uma cadeira e um banco pequeno de cada lado. Lembra-se de qualquer coisa e liga uma vitrola. Ouvem-se uma cantora famosa na grande aria de Traviata: "Sempre libera". O Ponto se delecta. Põe uma mesinha com um jarro de flores, no centro da cena. Dois banquinhos, um platado de vermelho e outro de azul, na esquerda baía, perto da cadeira do Diretor. Pega um espanador e começa a limpar os móveis, sempre se delectando com a aria da ópera. NOTA: O Ponto pode vir cantando um trecho de ópera, no início da peça, isto é, quando ao entrar no teatro encontrou tudo ainda por fazer. Depois de tudo no seu lugar, o Ponto senta-se no sofá, fica se olhando com o espanador, ouvindo sua aria predileta, até o momento em que o Diretor fizer sua entrada. Esta fica parada alguns segundos, e só é notada a sua presença através de um pigarro impertinente).

CENA PRIMEIRA

PONTO e DIRETOR

PONTO — Boa tarde, senhor Diretor. Vem desligar. (Desliga a vitrola) Como passou de ontem para hoje? Cavaquinho, o contra-regra novo, ainda não chegou. (Pausa) A cena está a seu gosto?

DIRETOR — Você hoje vai pontar do caixa. Não quero ouvir sua voz.

PONTO — Ele ainda não sabe o papel direito...

DIRETOR — Esta peça tem que ir sem ponto.

PONTO — Davida... Davida... Davida... Davida...

DIRETOR — Que ela decore (pausa). No meu tempo, ninguém precisava decorar nada. Mas, naquela época ho-

via atrizes... Alguém só podia ser considerado ator, depois que fizesse 10 papéis diferentes. Mas hoje, qualquer medarozinha é atriz... E só quer fazer papel principal. "Não faço pontas", é só o que elas sabem dizer... (pausa). A grande Madalena Brazão era analfabeto e foi a maior atriz do seu tempo. Ninguém representou a Dona das Comédias tão bem quanto ela. Que voz! Que vibração! Uma verdadeira artista! Passou a ser um duzia de atrizes da prosa que não sabiam ler... Tinham a sua. (mesura o ouvido) muito bom. Conheci um grande ator, que para ouvir o ponto, fazia sempre antes da fala. O ponto já sabia. Atacava logo. A própria Madalena Brazão tinha um jeito toda especial... Essa era na marcação. Quando ela estava no palco, toda atenta e batava a mão no queixo, é porque não sabia o que vinha adiante...

DIRETOR — A época das pontas já passou...

PONTO — Passou, mas até hoje as grandes companhias nos disputam... Como eu, existem pausas. Pontar é uma arte, senhor diretor. Exige vocação, um artista. Por que não sei se o senhor sabe: um ponto destruiu um espetáculo. (Reação do Diretor) Já pensou a gente vir para o teatro meio no piléque a saltar uma página?

DIRETOR — O teatro moderno não admite mais ponto!

PONTO — Todos esses seus sonhos são muito bonitos, mas aqui nesta Companhia não vingam... A estrêla nunca teve cabeça para decorar... Começou a primeira da que o senhor. Valdosa! Sabe que ela não aceita papéis que não tenham no final do 2.º ato uma grande cena. Não sei como o senhor a convenceu desta vez... Esta peça não é o gênero dela...

DIRETOR — É uma comédia sem aria...

PONTO — É donada para a gente pontar... É cheia de ditos, de frasezinhas, de bastieirinhas... Se ainda o senhor permitisse a gente botar uns cacarinhos... Eu podia ajudar na colaboração... Já tenho dado tiros semicirculares.

DIRETOR — Tiros?

PONTO — Vê-se logo que o senhor é novato na profissão... Tiros é uma gargalhada! A eminente Regina Cílio não estreaava uma peça, sem primeiro pedir minha opinião da que ela ia dizer fora da peça. Sempre deu certo. Dei-lhe cada idêntico inventamos uns sinais só pelos olhos. Eu não precisava falar... Bons tempos! Mas, a perfídia do ponto é muito ingrata. Antigamente era um buraco aberto, com os pulgares mandando a gente por baixo. Hoje, este tal de teatro moderno, botou a gente no caixa, fazendo feito um doido, detrás das cenários, de acordo com a marcação... É que marcação mais sem graça, Santa Madona... Custas para o público... Os atores falam sem alhar um porri a outra. Falava São Pedro, que do 3.º ato em diante não se escuta nada... Dizem essas "smobis" e modernas! Chiquet! Oitô! É a pontar uma peça, que nos 3 atos ficava tudo escuro. Sabe o que acontecia? Uma das figurantes, que só entrava no 3.º ato, quase... Sabe? Com

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



o contra-regra... é por que na hora "H" éle tinha que saltar um foguete e alguém gritou: "O foguete! O foguete!"

DIRETOR — Bem mostra que você é ponta...
PONTO — Por quê?
DIRETOR — Fala demais.
PONTO — Aqui para nós... Que ninguém nos ouça; o senhor não vai ficar zangado se eu lhe disser uma coisa?
DIRETOR — Diga.
PONTO — Acho que essa peça vai para o porão.
DIRETOR — Ah! (possa em cena)
PONTO — O público não vai gostar. Eu conheço teatro. Meu pai foi o grande palhaço Zuzú e minha mãe a graciosa dançarina Lily.
DIRETOR — Cale essa boca!
PONTO — Pensei que o senhor estivesse gostando de me escutar...
DIRETOR — Será que na sua profissão você já não fala o suficiente? Cale essa boca!

CENA SEGUNDA

Os mesmos e ATOR

ATOR — Boa tarde. (pausa) Leu o Diário?
DIRETOR (seco) — Não.
ATOR — Me elogiou.
DIRETOR — É um imbecil!
ATOR — Ora essa! (outro tam) Te pôs toda a culpa. (mostrando um jornal).
DIRETOR — Bolas! Sou um diretor e não um ensaiador! Não fui contratado para ensinar alunos. Produzo espetáculo! Mas para isso, me dêem atores! Atores! Claro que o meu processo é moderno. Para que estudar na Europa e passei 6 meses vendo espetáculos na Broadway? Para voltar à minha terra e continuar ensaiando como a maioria ensaia? Uma brisa! Tudo que sabem fazer é pôr um sofá no meio da cena, duas cadeiras ao lado. A célebre mesinha com uma jarra de flores em cima! Uma personagem se senta, a outra se levanta. Quando esta se levanta, aquela fica de pé. Não! Esse teatro de 1900 eu o fofo! O teatro da prima donna, que conta a grande vida e morre no fim tuberculosa... O maklito teatro da ponta, essa coisa horrrosa!

PONTO — Perdão, senhor Diretor, mas o ponto...
DIRETOR — Se você me der mais um pio, mando l'ê despedir!

PONTO — O senhor pode me dispensar, mas eles precisam de mim.
ATOR — Ele não faz nenhuma restrição do meu desempenho. E acho que éle gosta tudo durante os espetáculos!

DIRETOR — A crítica não existe!
PONTO (Entre os dentes) — Quando mette o pau, não...
DIRETOR — Como pôde elogiar essa mulherzinha... Que benevolência!

PONTO — Está danado porque a crítica mateu o milho.
DIRETOR (Tirando do bolso um porção de recortes de jornal, que passa a ler) — "O papel não lhe assenta, mas graças ao seu talento, sua malícia salvou o espetáculo, que é todo mau, direção fraca e texto insípido..." Insípido é a cara dele.

ATOR — É o dono da companhia, não se esqueça.
PONTO (baixo) — É amante do empresário. Muita gaita!

DIRETOR — Você viu o trabalhador que ela me deu ensinei-lhe gesto por gesto. Eis aí o graça que éle imbecil descreveu... A malícia, o talento sou eu! Depois, colocar aquela voz em falsete, sabe lá o que isso?

PONTO — Eles acham que é mevissa! Pra que discutir? Pra quê?

DIRETOR — O mau do teatro é a burrice das vedettes. Toda vedette é burra! Não enxerga meio palmo adiante. Não. Se tivesse que fazer o papel de uma mendiga, teria de aparecer em cena com um vestido de Christian Dior. (outro tam) Mas quero ver se com essa peça éles não vão falar bem do meu! Hui de mostrar-lhes o poder de um diretor! Sem diretor, não se cria espetáculos! As luzes, o ritmo! Ato é buneco, narração de novelas comandada!
ATOR — Perdão! Nunca fui à Europa, nem à América, mas não sou fantecho de ninguém! Sou um ator!

PONTO — Que darrubô!, derruba. É só tomar um piquinho.
DIRETOR (para o ponto) — Que companhia é essa, haiz? Resolva-se a sua modesta insignificância...

PONTO — Queira me desculpar, senhor diretor.
DIRETOR — Estou procurando um modo de iluminar a 2.ª ato com luz negra. Quera vesti-la de cor-de-rosa e todo de branco. Vou jogar a infatigável latente e uma balada lá no fundo. A cena do lídio vai ter uma salva de palmas, vai se vai! Depois, os últimos marcações que fiz para Você não me esqueça, porque sou o dono da empresa, não é? Depois quem que não sou paieta... Inveja!

PONTO — Prima donna? Prima donna!

DIRETOR — Quero uma cena toda em pantomima na 3.ª ato.

ATOR — Pantomima depois da ópera de Paquin, está fora de moda. Deixou de ser misterioso...

DIRETOR — Pois em Paris ainda é o coqueluche dos jovens. Aliás, fiz um curso completo. E já havia estudado na América, no estúdio de Chaplin.

ATOR — É Chaplin tem estúdio? Pensei que éle só tivesse...

DIRETOR (cartando-o) — Aquilo é que é um gênio! Eu devia ter ficado por lá e tentado Hollywood. Seria hoje um diretor famoso! Sim, porque a minha vocação é mesmo para dirigir: agrupar moços, amoldar temperamentos, dar ordens! Sou neto de alemão e bisneto de espanhol!

ATOR — É o sonho de toda gente: sair daqui, estudar, para depois voltar. E vencer!
DIRETOR — O estudar fora só adianta, realmente, quando se tem alguma coisa aqui dentro...

ATOR — E acha que eu não tenho essa coisa?
DIRETOR — Não quis dizer isso... Falo contrário. Você até que tem muitas qualidades: voz, física, desembaraço... Mas...

ATOR — Mas o quê?
DIRETOR — Falta-lhe presença!
ATOR — É a primeira vez que ouço dizer isso de mim...

DIRETOR — Não vá ficar com complexa, mas falta a você presença de ator!

ATOR — Sempre tive unanimidade de crítica! Posso lhe mostrar meu álbum de recortes...

DIRETOR — Como se a crítica valesse tudo! É a opinião de gente entendida? Essa sim, é que eu dou valor. Aliás, na Gândala ninguém gosta de você...

ATOR — O público me adora!
DIRETOR — Público... Éssa massa ignorante, sem cultura, que não reaciona... Riso por qualquer palhaçada, por qualquer piada inoral... Detesto o público!

ATOR (desentendo) — Não se esqueça de que recebo sempre mais de 500 cartas depois das estréias...

DIRETOR (idem) — No teatro, meu rapaz, a ambição deve ser maior que a vaidade!

ATOR (idem) — Tenho as duas! Por isso, sou um ator!
DIRETOR — Eu não, sou um criador! Um intelectual! Crítico... público... gente analfabeta...

ATOR — Então, por que ficou danado com a opinião do "Diário"?

DIRETOR — Por isso mesmo! Ele foi injusto! Detesto a injustiça! Não falou nas belíssimas marcações que eu fiz... Mas a peça estava aí para desmentir tudo! fez carreira, não fez? Casos repletos todas as noites... Essa é a minha vingança!

ATOR — E pensa que o público vem aqui para admirar as suas belíssimas marcações? Suas luzes maravilhosas? Já viu os cartazes na rua? A propaganda dos jornais... Está cheio de piadas ruins, de vestidos transparentes... Chama público! O empresário diz que o público quer ver mulher nua! Na propaganda, só sei o nome dela, e retrato dela em todas as posições... Para isso, a estréia tem um velho coronel que paga todo esse luxo. Arranidou este teatro e paga bem o gente para apreciar as ictas dela!

PONTO — É a prima donna!
ATOR — Pensa que não sei que tenho mais talento do que ela? Os críticos já disseram isso não sei quantos vizes. O que eu ainda não tive foi uma chance... Mas, ela que vá se preparando com esta peça... Vou engolir todo mundo!

PONTO (mais alto, contente) — Prima donna! Prima donna!

ATOR — Estudo meu papel como um leão. Eu sei que a segunda ato, é todo meu! Aprendi a dar o gargalhada. Quer ver? (dá uma péssima gargalhada e se joga no chão. Diretor tapa os ouvidos. Ponto faz uma careta e balança com a cabeça) Gostaram? Fiz esta cena ontem, numa roda de amigos e todo mundo gostou. Uma grande atriz presente, estrangeira, não entendo português, mas ficou de boca aberta... (para o diretor) Que tal?

DIRETOR — Muito feio! (o Ponto ri)
ATOR — Estou fazendo o que você mandou... É difícil!

DIRETOR — Entre a gente mandou fazer uma coisa e essa coisa sair bem, a diferença é grande. Tentou, meu cara, é execução, técnica. É uma tragédia! Os atores... são todos...

PONTO — Burros, não é isso, senhor diretor!
ATOR — A conversa não chegou ainda ao tamanho!

PONTO — Estou usando uma linguagem que todos lá podem e me compreendem...

DIRETOR — Infelizmente, é bem a palavra...
PONTO — Vê?

ATOR — Eu não admito... Fiquem sabendo que eu não me considero burro! Entendo qualquer palavra! Já estudei o Édipo-Rei inteiro com Zoré! É um conto com Troiano, que é utilíssimo para uma propaganda de um sofisticado cinema... Não tem explicação... E Zoré foi feita há muito tempo com a companhia que eu sou. Dizem-me... (ilustração da furra. Vexes, Múscos, Patachô!) esta é imprazável! (fazem: Minha bonequinha! Meu teatro!)



CENA TERCEIRA

Os mesmos, ATRIZ e EMPRESÁRIO

EMPRESÁRIO — Minha jóia. Não fique zangada! Compre outra para você. Em que loja você comprou?

ATRIZ (mostrando uma luva, que tirou das mãos do Empresário) — Não vê que era uma lembrança, idiota! Que nem uma outra coberta de brilhantes teria o mesmo valor? Mandei esse imbecil segurar a minha bolsa e as minhas luvas enquanto fui ao cabelereiro. Quando volto, só encontra uma luva. Perdeu a outra. Com certeza, foi atrás de alguma zinha que passou... Agora, não presta mais pra nada...

EMPRESÁRIO — Eu darei quantos você quiser, boneca!

ATRIZ — E pare com essa história de me chamar de boneca! Tenha nome!

EMPRESÁRIO — Fique calma, Darine, depois você não vai poder ensaiar...

ATRIZ (para o diretor e o ator) — Sabem de onde é essa pelica? Do Indostão, é uma lembrança muito cara... De alguém que foi um cavalheiro.

EMPRESÁRIO — Cavalheiro?

ATRIZ — Sab todos os pontos de vista...

EMPRESÁRIO (mudando) — Amante seu, não foi?

ATRIZ — Que pergunta! E daí?

EMPRESÁRIO — Mas não foi do meu tempo?

ATRIZ — Ainda duvida?

EMPRESÁRIO — Há quanto tempo?

ATRIZ — Não interessa!

EMPRESÁRIO — O nome! Vamos! O nome!

ATRIZ — Não direi! Quero que você sofra!

EMPRESÁRIO — Você sabe que eu poderei descobrir e mandar matá-lo!

ATRIZ — Olhe aqui, meu velho: a cláusula principal que estipulei no novo contrato foi a de o senhor não interferir na minha vida privada! Já se esqueceu?

EMPRESÁRIO — Mas, não eramos amantes naquela época, Darine.

ATRIZ — Quer rasgar o contrato? Não vou exigir muito... 500.000,00 cruzeiros de indenização. Se quiser, é já... aproveite que a Companhia está toda reunida...

DIRETOR (calma aparente) — Eu gostaria de saber, a que horas eu poderei começar o ensaio.

ATRIZ — Agora mesmo. (para o empresário) Vamos, tu! você me causa alegria. (ponto começa o falhar a peça)

DIRETOR (para a atriz) — A senhora decorou o papel?

ATRIZ — Como, se este homenzinho não me dá uma folga?... Passou a noite lá em casa...

DIRETOR — Dessa maneira não podemos estreiar a semana que vem!

EMPRESÁRIO — Não posso transferir mais. Estamos parados há mais de 15 dias, com todo mundo ganhando. Na bilheteria, não entra nada. Tenho uma folha de pagamento parada. Também, tenho meus credores...

DIRETOR — 55 estamos com o 1.º ato levantado. Ainda não começou o 3.º porque os atores ainda não têm os papéis de cóp.

ATOR — Perdão, mas eu já sei toda a minha parte.

EMPRESÁRIO — E para que se paga um ponto nesta Companhia?

PONTO — Muito bem dito, senhor empresário. Até que enfim lembraram-se de mim...

DIRETOR — Esta peça não pode ir com ponto! É diálogo batido.

ATRIZ — É inútil. Não consigo decorar.

DIRETOR — Eu acho que uma atriz sem memória, devia desistir da profissão!

ATRIZ — E quem foi que disse que eu não tenho memória? Decorei 6 monólogos inteiros, sem omitir uma vírgula, em "Tristesse".

PONTO — Mentirosa!... mentirosa...

ATRIZ — Era uma peça... E não essa porcaria que o senhor impingiu...

DIRETOR — Os tempos mudaram, minha senhora. Teatro hoje é outra coisa.

ATRIZ — Já sei: tem um diretor!

DIRETOR — Sem ele, adeus espetáculo!

ATRIZ — O público vem aqui, talvez, por sua causa... Tinha me esquecido...

DIRETOR — Não tenho as suas pernas...

ATRIZ — Há gosto para tudo, hoje em dia, cavalheiro...

PONTO (malicioso) — Isso é verdade!

ATRIZ — Sabe de uma coisa? acho melhor a senhor telefonar para o seu amigo ator... Diga-lhe para dar um pulo até cá. Li e o 3.º ato e não entendi nada, nada do meu papel. Quero morrer falando e não vou me suicidar com um revólver. Isso é tão tem que modificar. Quero morrer esquecida. Sei morrer muito bem. Todos os críticos disseram isso, quando representei a "Rovena". Cóp de uma cópia de 15 decrépitos! É por isso que não dá para decorar o papel!

DIRETOR — Natacha é uma grande atriz!

ATRIZ — Tão grande, que o nome é da protagonista,

quando o principal papel é do homem. O papel de Sérgio tem 200 palavras mais do que o meu.

ATOR — Você contou mal. 201!

DIRETOR — É uma peça para 2 atores, minha senhora! Atores!

ATRIZ — Está querendo insinuar que eu não seja uma atriz?

DIRETOR — Talvez...

ATRIZ — Ora viva o grande diretor! Depois de 10 anos de palco, descubro num ensaio fuleiro, que não sou uma atriz! (ri) Vocês principiantes, se enchem de vento quando vão ao estrangeiro e voltam de lá com um diploma, que a gente nunca vê o cheiro...

DIRETOR — Diplomada ou não, a verdade é que tenha capacidade... Talento!

ATRIZ — Talento!... Não foi isso que disse esta manhã o crítico do Diário...

DIRETOR (estourando) — Balas! Não estou aqui para discutir esse assunto com a senhora! Fui contratado para ensaiar. Gostaria de saber a que horas posso começar!

ATRIZ — Agora mesmo... Com a condição: exijo que o senhor telefone para o seu amigo, pedindo a modificação do 3.º ato. Não faça a peça com aquela final!

DIRETOR (tirando do bolso um cartão, gritando) — Pedro: telefone para esse número e diga ao sr. Felisberto que venha me procurar no teatro, imediatamente. (sal o ponto)

ATRIZ — Vamos começar de onde?

DIRETOR — Cena III, 2.º ato. (atriz calmamente vai fumar um cigarro) Vamos, o que estão esperando? Já perdemos muito tempo.

ATRIZ — A cena não está arrumada.

DIRETOR — Sérgio: quer dar um jeito nisso aí?

ATOR — É serviço da contra-regra.

DIRETOR — Balas! (dando um berra) Pedro! A cena! (pausa) Pedro! Onde se meteu esse raio dessa ponto! (ponto aparece)

PONTO — A linha está ocupada... Estou insistindo...

DIRETOR — A cena!

PONTO — Está pronta.

DIRETOR — Segundo ato, imbecil...

PONTO — Não precisa me xingar. Isso é serviço da contra-regra...

DIRETOR — Já sei! (Ponto troca as cadeiras. E muda de posição os banquinhos)

ATRIZ (para o empresário) — Vamos! Vamos dando o fora...

EMPRESÁRIO — Deixa eu ficar, boneca.

ATRIZ — Eu ainda lhe esbofetaria hoje, se você tornar a me chamar de boneca!

EMPRESÁRIO — Eu fico lá atrás... Não vou incomodar...

ATRIZ — Já disse que não! Vamos! Vamos!

EMPRESÁRIO — Não precisa me enxotar... Afinal de contas, acho que ainda sou dono deste troço!

ATRIZ — É, Mas, quem manda sou eu... Está no contrato... Não se lembra?

EMPRESÁRIO — Estou na escritório... Se precisar de mim, é só mandar me chamar.

ATRIZ — Está bem, está bem... (vai empurrando-a)

EMPRESÁRIO — Boneca: Quero ir hoje à noite a uma boate. Quero dançar! Me sinto muito primaveril! E logo mais, boneca... (ouve-se uma bofetada dada no rosto)

Estúpida!

ATRIZ — E não me apareça mais aqui, senão eu te esgano! (ator sentou-se e fumou um cigarro. Diretor parecia impaciente, reaparece a atriz) As suas ordens...

CENA QUARTA

Os mesmos, menos o EMPRESÁRIO

(Atoz toma a cena, atrás da atriz, que se senta num sofá. A representação dessa cena deve ter marcações absurdas, para justificar o diretor que veio cheio de idéias, mas que não entende nada da profissão).

ATOR — Para onde você foi? (pausa) O que fez durante todo esse tempo? (pausa) Parece que tudo aconteceu ontem: (começo a falar baixo) Voltai alegre da viagem. Tamoz bonho...

DIRETOR (interferindo) — Voz. Não estou escutando nada.

ATOR — Tomei banho e fui direto ao apartamento. Lembra-me que comprei um taxi para chegar mais depressa.

DIRETOR (alto) — Voz! Você pensa que está numa casa de chá? O público quer ouvir...

ATOR — Não concordo falar nessa cena em voz alta. Esse homem está numa situação difícil...

DIRETOR — E quem está mandando você falar alto? Eu disse voz! Para você lembrar do platô! Silencioso.

ATOR — Tinha uma porção de revólveres para te matar. Nem o atendente teve paciência de segurar. Cuts na cena depressa a pé...

DIRETOR — Sêis o quê?

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



ATOR (*gritando*) — Andares!
 DIRETOR — Articule, rapaz.
 ATOR — Essas interrupções me atrapalham.
 DIRETOR — Você habituando, porque meu processo é o melhor! Todo baseado em Stanislawsky!
 ATOR (*passando um lenço pela testa*) — Abra a porta e encontra tudo vazio... (*transtornado*) Mama mia! Não sei bem a que senti naquele momento...
 DIRETOR — Emoção!
 ATOR — No trem, já estava adivinhando...
 DIRETOR — Mais rápido, mais rápido...
 ATOR — Más notícias. Procurei...
 DIRETOR — Pausa, Sérgio. Não tenha medo da pausa...
 ATRIZ (*entre os dentes*) — A essa altura, o público está roncando...
 ATOR (*pousado*) — Procurei o zelador do edifício, na esperança de obter informações. (*pausa*) Nada. Você pariu, saudades me deixou. Eu chorei! Nem um bilhete ao menos. (*pausa*) Onde você esteve?
 DIRETOR — Ótimo, excelente. Mas, nessa última fala você tem que se aproximar mais um pouco. Vamos voltar.
 ATOR (*aproximando-se*) — Onde você esteve?
 ATRIZ (*fria*) — Longe daqui.
 ATOR — E eu que imaginava que você nunca pudesse...
 DIRETOR — Não declame, por favor!
 ATOR — Viver longe de mim! Sem o meu amor. No princípio, não quis acreditar. (*pondo o rosto entre as mãos*).
 DIRETOR — O gesto está ruim. Assim. Olha para mim. (*faz o gesto*) Assim.
 ATOR (*fazendo o gesto que o diretor indica*) — Foi horrível me acostumar...
 DIRETOR — Carreto.
 ATRIZ — Você parece bem disposto.
 DIRETOR — Não olhe para ele.
 ATRIZ — Como não vou olhar, se ainda não o vi...
 DIRETOR — Tenha a bondade de fazer o que estou mandando.
 ATRIZ (*falando entre os dentes*) — Na dia eu faço o que me der na cabeça...
 ATOR (*tocando-a*) — Quando você chegou?
 ATRIZ — Não vá sujar o meu vestido. Você está com as mãos imundas. (*Representando, repole-o e levanta-se*) Três meses, mais ou menos.
 DIRETOR — Quem mandou a senhora se levantar?
 ATRIZ — Estou "sentindo" que preciso me levantar.
 DIRETOR — Aguarde na marcação.
 ATRIZ — Está errado! Ele está querendo me tocar e eu tenho que fugir... Estou seguindo a tal linha psicológica que o senhor me deu...
 DIRETOR (*certando-a*) — Vá sentar-se, então, na outra carteira.
 ATOR — É por que não me procurou? Quer dizer que se eu não tivesse encontrado você, por acaso...
 ATRIZ — Não coispe, que coisa!
 DIRETOR — Não é esse o texto!
 ATOR — Minha deusa é exatamente...
 DIRETOR — Exatamente é o que a senhora devia dizer...
 ATRIZ — Dá na mesma.
 DIRETOR — No meu teatro, ator não muda o texto que o autor escreveu! Nem uma vírgula! Por favor, mais dignidade!
 ATRIZ — Daqui a pouco eu me levanto daqui e não faço mais drama nenhuma! (*falando em tom mais alto*) Tenha a bondade de me corrigir, sem comentários...
 DIRETOR — Segue.
 ATOR — Mas, afinal, a que foi que eu fiz para ser tratado dessa maneira fria? Amor, só tive por você. As outras foram meros flertes...
 DIRETOR — Flerte, Sérgio, flerte.
 ATOR — Foi o que eu disse...
 DIRETOR — Pensou, segue.
 ATOR — Creio-me! Você ainda é tudo!
 DIRETOR — Abraça-a (*eter abraça-a*) É a senhora, não fique aí parada. Empurre-a e tome a direita alta. (*atriz executa o movimento*) Não! Passe por trás do sofá, pelo amor de Deus!
 ATRIZ — Não barre, oulha? Antes de vir para cá, devia ter passado por uma farmácia e tomado um calmante!
 DIRETOR — Segue.
 ATRIZ (*nervosa*) É você pensa que já me esqueci daquele tempo em que vivíamos... Em que vivíamos juntos...
 DIRETOR — Segue.
 ATRIZ — Ah, esqueci...
 DIRETOR — A senhora ainda não decorou o seu papel?
 ATRIZ — Parece que não.
 DIRETOR — A atriz está marcada. Segue.
 ATRIZ — Seguir o que, se não sei mais o texto!
 DIRETOR — Onde está esse maldito ponto! Ponto! (*atriz põe a cabeça para fora*).
 ATOR (*entra correndo*).

CENA QUINTA

Os mesmos e PONTO

PONTO — Falei com ele.
 DIRETOR — Vá apontar!
 PONTO — Mandou dizer ao senhor que...
 DIRETOR — Para a caixa, idiota! Não quero ouvir a sua voz!
 PONTO — Tenha um recado para o senhor... É urgente!
 DIRETOR — Para a caixa! Segue. (*Ponto corre para a caixa. Pausa*). Afinal, o que estamos esperando? (*Atriz fica quieta. Ponto aparece aflito*).
 PONTO — Onde estão? (*Diretor põe o mão na cabeça, dá um gemido*) Eu estava lá dentro, não podia adivinhar... (*ator mostra a cena*) Pronto, pronto (*Ponto vai para os bastidores*)?
 ATRIZ — Na sua companhia, nunca tive tranquilidade. Você aparecia no apartamento quando bem entendia. Eu não tinha mais sossego: dormia e amanhecia, pensando...
 DIRETOR — Mas baixa.
 ATRIZ — Será que ele vem hoje? À noite...
 DIRETOR — Pare! Pare! Não está sentindo que está fria? Eu quero sua voz embargada...
 ATRIZ — Minha voz sempre foi essa...
 DIRETOR — Ponha-a na caixa.
 ATRIZ — Que caixa?
 DIRETOR — Não é a do ponto... Pois, não.
 PONTO (*aparecendo*) — Me chamaram?
 DIRETOR — Para o seu lugar! (*Ponto sai*) Depois dizem que eu não tenho razão.
 ATRIZ — Não ensaie mais drama nenhuma!
 DIRETOR — Vamos!
 ATRIZ — É uma ameaça?
 DIRETOR — Segue.
 ATRIZ (*para o ponto*) — Fale mais alto, idiota!
 PONTO (*pondo a cabeça para fora*) — Ele não quer...
 DIRETOR — Para a caixa! (*ponto corre*)
 ATRIZ — Se não puserem no dia o ponto na caixa, não representarei!
 DIRETOR — No moderno teatro da mundo, minha senhora, não se usa mais caixa de ponto. É anti-estético!
 ATRIZ — Mas, no meu teatro, continuará se usando... (*Ponto bota a cabeça para fora*) No dia, você vai para a caixa.
 PONTO — Sim, senhora (*desaparece*).
 DIRETOR — Quem manda no palco sou eu!
 ATRIZ — Eu acho bem você acabar com esses ataques histéricos! Berra para causar impressão não é? Não tenho medo de gritos, meu filho! Escuta aqui: se quiser manter essa peça, trate de ficar bonzinho. Por que a hora que eu saílar um berra, você vai subir pelas paredes. Ora, tá vai!
 DIRETOR (*calmo*) — Segue.
 ATRIZ — Ponto alto, Pedro. (*continuando*) À noite, não ia a lugar nenhum, nem recebia visitas, porque você podia aparecer de uma hora para outra. Não ia a festa alguma, com medo de...
 DIRETOR (*pondo o mão na cabeça*) — Não é possível... Assim não passa... Mais baixa!
 ATRIZ (*baixinho*) — Ficava gelado, quando num baile...
 DIRETOR — Voz!
 ATRIZ — Afinal o que é que você quer? Que eu fale alto ou baixo?
 DIRETOR — Estou falando para esse maldito Ponto. Segue.
 ATRIZ — Alto, Pedro.
 DIRETOR — Eu acabo com esse espetáculo, não dirijo mais, pronto! (*Fica de braços cruzados*).
 ATRIZ — Ótimo. Estava roxa para fumar um cigarro. (*Ponto vem acender o cigarro. Atriz tira um piteteira e começa a fumar*) Não faltará diretores novos para se contratar. Eu pago bem. Aliás, meu camarim vive cheio de seus ratonzinhos.
 DIRETOR — Com uma atriz de sua mentalidade ninguém pode fazer nada. (*pausa longa*).
 ATRIZ — Vai ensaiar ou não vai?
 DIRETOR (*calmissimo*) — Segue.
 ATRIZ — Alto, Pedro.
 PONTO — Sim, senhora.

CENA SEXTA

Os mesmos, EMPRESÁRIO e 3 CANDIDATAS

ATOR — Se o encontrava na rua, não me aproximava. (*Entra Empresário e 3 Candidatas*) Você podia não gostar. Quase sempre estava acompanhada... (*Assim que vê o Empresário acompanhado, a Atriz interrompe o ensaio*)
 (*) Todas as falas da atriz são postadas pelo Ponto. A atriz deve usar uma providência semelhante pelo teatro. O Ponto idem.

Teatro de Arena
 Av. Borges de Medeiros, 835
 Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



DIRETOR — O que houve?
 ATRIZ — Já disse que não ensaio na presença de pessoas estranhas.
 DIRETOR — O que essas 3 moças estão fazendo aqui?
 EMPRESÁRIO — Vieram fazer os testes que você marcou.

DIRETOR — E quem foi que disse que eu marqueei para hoje?

1.ª CANDIDATA — O senhor disse que eu passasse pelo teatro, 5.ª feira, às 4 horas da tarde.

3.ª CANDIDATA — A mim, também.

DIRETOR — Hoje é quarta-feira e ainda não são 4 horas.

3.ª CANDIDATA — Perdão, mas o senhor está enganado: hoje é 5.ª feira, acabou de acertar o meu relógio. Passam 2 minutos das 4.

DIRETOR (Olhando para 2.ª Candidata, que veio de calças compridas) — É a senhorita, assim de calças... 5.ª (at)

2.ª CANDIDATA — Eu? Eu vinha passando por aqui, quando esse senhor (aponta para o empresário) me convidou para fazer uns testes.

ATRIZ (irônica) — Testes, eim? (Diretor pigarreia)

DIRETOR — Trouxeram alguma coisa preparada?

1.ª CANDIDATA — Decorei uma poesia.

DIRETOR — Não sabe nenhum trecho de peça? O papel que uma das senhoras 3 fará, exige desembaraço.

3.ª CANDIDATA — Representei na Alemanha, Goethe. Fiz a Margarida do Fausto. Na Polónia, numa festa de caridade, fiz um ato inteiro do Hamlet. (Esta candidata deve ter um forte sotaque estrangeiro)

DIRETOR — Que papel?

3.ª CANDIDATA — Claro que o Hamlet!

DIRETOR — O Hamlet?

3.ª CANDIDATA — Em travesti! Não fui a primeira. Sarah Bernhardt usou-o mais de uma vez. Tive 8 chamadas!

1.ª CANDIDATA (deve vir ao teatro vestida de colegial, com seu uniforme azul e branco, laço da fita no cabelo, meias e sapatos curtos) — Desde garotinha que sei recitar. Cantava e dançava. Fui menina prodígio. Adoro sapatear. Ai não tem uma vitrola!

DIRETOR — Não vamos montar revista! (para 2.ª Candidata) E a senhorita, a que trouxe para o teste?

2.ª CANDIDATA (embarracada) — Eu?

DIRETOR (muito interessado na pequena) — Seu físico, não é mau. Quer atravessar o palco? (A moça executa suas ordens) Sarrá. Mais um pouco. Nada mau. Sente-se agora naquele banquinho. Fique perto daquele cavalheiro.

(O ator vem ao seu encontro) Tem alguma prática?

2.ª CANDIDATA — Não, senhor.

DIRETOR — Nunca fez teatro?

2.ª CANDIDATA — Uma vez, no Clube, um "show" que eramos nós.

DIRETOR — O que é que você fez?

2.ª CANDIDATA — Uma ingênua.

3.ª CANDIDATA — Já fiz todas as Ingênuas do teatro. De Beronice à Ofélia.

DIRETOR — O papel na peça não é o de uma senhora. Físicamente, a senhorita tem o tipo.

1.ª CANDIDATA — Meu físico não é bom, senhor Diretor? Dizem que em cena fico muito linda!

3.ª CANDIDATA (tem de discussão para com a 1.ª Candidata) — Beleza não vale nada! Em teatro, precisa-se ter talento! (1.ª Candidata faz diversos caretas).

DIRETOR — Bem, vamos aos testes. (apontando para 1.ª Candidata) Comece a senhora.

1.ª CANDIDATA (Toma uma folha, faz uma reverência bem de menina pequena, sorrí. Começa a declamar num estilo bem próprio de alguns de grandes declamadoras do passado. Exagerada, sofisticada)

"As duas sombras", Olegario Mariano.

"Na enervilhada silenciosa do destino,
 Quando as estrelas se multiplicavam,
 Duas sombras errantes se encontraram.

A primeira falou: nasci de um feijo, de luz, sou força, vida, alma, esplendor! (Diretor interrompe)

DIRETOR — Chega. Diga outra coisa.

1.ª CANDIDATA — Já vi que não gosta dos parnasianos. Diga um moderno.

"Esplendor selvagem". Não sei de quem é não...

Hipopotamos adolescentes

Hipopotamos adolescentes

Tudo azul, tudo azul, tudo azul...

DIRETOR — Basta! Você, agora. (3.ª Candidata com um ar indolente se levanta) Não, você. (3.ª Candidata amarela a cara)

2.ª CANDIDATA — Não trouxe nada de côr.

DIRETOR — Você vem aqui para fazer um teste e não traz nada preparado?

2.ª CANDIDATA — Queira me desculpar... Eu não sabia... (vai sair)

DIRETOR — Espere. Isto aqui serve. (Tira do bolso um pedaço de papel) Vá lendo esse trecho, enquanto sua colega faz a cena... (2.ª Candidata levanta e vem apertar o papel. 3.ª Candidata prepara-se: tira do bolso um pequeno punhal e toma a cena. É trágico o seu olhar, sua atitude).

3.ª CANDIDATA — Ser, ou não ser, eis a questão: se há mais nobreza d'alma em submeter-se às fúndas e setas de fortuna inimiga, ou se tomar armas contra um mar de atribuições, e, combatendo, exterminá-las? Morrer, dormir, nada mais; e dizer que adormecendo...

DIRETOR — Chega! Diga outra coisa!

3.ª CANDIDATA — Sim, senhor. (Vai rápida até a sua haba e tira de lá uma grinalda. Põe-na na cabeça. 1.ª Candidata ri. Chega o autor da peça, que do fundo da palca, sem dizer uma palavra, mas estupefato, fica olhando a teste. Diretor faz caretas. Ponta quieto. Atriz prestes a saltar uma gargalhada. 3.ª Candidata anuncia):

"Fausto", de Goethe:

"Meu dia de núpcias seria!
 Não digas que estiveste já com Gretchen.
 Faize a esperança,
 A coroa, tão linda!... (esquece o papel)
 Ich Gabwas drum, wenn ich nu wubt,

DIRETOR — Ó que?

3.ª CANDIDATA (consertando) — Estava me lembrando em alemão.

Hei de ver-te, ainda,
 Mas não na dança.
 Larga-me! eu não admito a força!
 Não me apares, mau, deste jeito!
 Por amor de ti tudo tenho feito! (joga-se no chão)

DIRETOR — Basta!

3.ª CANDIDATA — Não cheguei nem a dizer uma estrofe...

DIRETOR — Já estou satisfeito... (chamando o autor) Chegaste em boa hora. (autor vai cumprimentando os presentes. Beija a mão da atriz, que neste momento está fumando seu pipeira dourada. Dá-lhe um cumprimento sóto. Autor vem ficar perto do Diretor) — (Para o 2.ª Candidata) Chegou a sua vez. Leia, em voz alta:

2.ª CANDIDATA (um tanto tímida, zameta a ler, em voz alta) — Jack Wilson, um jovem de 71 anos, que querira poste de madeira com os dentes, paralelepípedos com um muro e torce barras de ferro com sua força extraordinária, está fazendo demonstrações do seu vigor extraordinário...

DIRETOR — Mais alto, menino.

2.ª CANDIDATA (falando um pouco mais alta) — E ensinando como o quem pode se transformar num Tarzan. O vigoroso septuagenário fará hoje uma exibição. (Comentários do Diretor para o Autor. Olhar de ódio da Atriz).

DIRETOR (interrompendo-a) — Eis a sua linha ideal. Vou mudar o linha do papel, dando-lhe uma linha mais suave. Uma verdadeira ingênua!

ATRIZ (levantando-se) — Se essa moça fizer o papel de Irina, não entro em cena!

DIRETOR — Por quê?

ATRIZ — Dispensio comentários.

DIRETOR — Mas afinal eu vou ou não sou o diretor de sua peça?

1.ª CANDIDATA — Senhor diretor: quer dizer que não gostou de mim!

3.ª CANDIDATA — Absurdo! Dizer Goethe, Shakespeare, para no fim uma que mal leu um recorte de jornal me passar a frente! A crítica no estrangeiro sempre me pôs nas alturas (para o Diretor) Quem é a senhora? Em que escola foi diplomada?

DIRETOR — Em nenhuma!

3.ª CANDIDATA — Eu logo vi!

1.ª CANDIDATA — Eu podia fazer o papel da ingênua na linha que o senhor mandasse. Não se esqueça que sou diplomada por uma Academia Dramática. Quer que eu diga um trecho da tragédia antiga?

DIRETOR (irritado) — Não!

1.ª CANDIDATA — Nervoso! Não precisa gritar!...

ATRIZ — A candidata devia ser moça! (Aponta para o 3.ª Candidata)

3.ª CANDIDATA — Custou de mim? Vá-se logo que o senhora é uma artista!

DIRETOR (para o Empresário) — O autor é da mesma opinião que eu.

3.ª CANDIDATA — Protesto!

ATRIZ (para o autor) — Já que está presente, quero lhe participar que não representarei o seu 3.ª ato como está escrito.

AUTOR — Seu papel é lindo nesse ato, Dariné!

ATRIZ — É lindo, mas não gosto.

Teatro de Arena
 Av. Borges de Medeiros, 835
 Fone: 226.0242 - C.F.P. 90020



AUTOR — Qual a cana de que você não gostou?
 ATRIZ — Todas!
 AUTOR — Pois todo mundo que leu, achou o meu melhor ato.
 ATRIZ — Para o golê e para essa frina que você imaginou...
 AUTOR — Então, Darine: você acha que o papel de frina seja melhor do que o seu?
 ATRIZ — Clara que é melhor! Eu não vou admitir que na minha Companhia vá se contratar um elemento que na fim vai roubar a peça toda. A não ser que você modifique a final: quero morrer falando e envenenada.
 AUTOR — Uma tirada de 20 linhas?
 ATRIZ — Não seria mau. (pausa)
 AUTOR — Está bem, mas não faça.
 ATRIZ — Então, não se estréia...
 AUTOR — Tenho um contrato!
 EMPRESÁRIO — Darine... Meu bem... Compreenda...
 ATRIZ — Não quero compreender nada! Disse que não represento e está acabado! Não me façam ficar histórica!
 3.ª CANDIDATA — O que estou fazendo ainda aqui... Teatro bagunça... Se soubesse que era isso... (para a atriz) Tive muito prazer em conhecer a senhorita... (para o Diretor) Difador! (sai)
 1.ª CANDIDATA — Não vão me aproveitar?
 DIRETOR — Não!
 1.ª CANDIDATA — Bobo! (dá uma rabanada e sai)
 ATRIZ — Se não mandarem chamar imediatamente a moça que disse o "Hamlet" e não derem a ela o papel, eu dou um berro que as paredes vão tremer! (Da um grito)
 EMPRESÁRIO — Pedro! Pedrinho, corra atrás daquela moça e traga-a de volta! (Pedro sai)
 DIRETOR — Volte, Pedro! (Pedro volta)
 EMPRESÁRIO — Vá, idiota!
 DIRETOR — Não precisa! A candidata já está escolhida...
 ATRIZ (num berro, Pedro sai numa disparada. Todos se assustam) O que é que você está pensando, hein? Que manda alguma coisa? Não preciso de diretor nenhum! Tenho meu nome feito! (Para o autor) E não vou fazer mais Notocha nenhuma! Nem com 3 mortes na fim! Rua, com vocês todos, andem! Rua!

DIRETOR — Vedette! Vedette da revista!
 AUTOR — Fique sabendo que sou muito autor!
 ATRIZ — Pode batar sua peça na gaveta! Não haverá estréia!
 AUTOR — Irei a juízo! Quero uma indenização!
 EMPRESÁRIO — Darine! Minha bonequinha... Veja bem o que você está fazendo! Será minha ruína...
 ATRIZ — O culpado disso tudo foi você! Eu não queria ser singida! E muito menos representar essa Notocha! Toma! Vá se é bom... (dá-lhe uma bofetada)
 ATOR — Vau-me embora! Quando acabarem com essa bagunça, mandem me chamar, (sai)
 ATRIZ — Pode ir embora todo mundo! Não preciso de ninguém! Por isso, sou uma estrela! (Chega o ponto)
 PONTO — Não encontrei mais a moça.
 ATRIZ — Não precisa! Tive uma ideia genial! Vou telefonar agora mesmo para Isaac. Prometeu escrever uma peça para mim! É um grande autor!
 DIRETOR — A minha vingança é que há de ir tudo para o porão, sua canastrona!
 ATRIZ — Rua! Rua, antes que eu faça uma besteira! (Correm numa disparada o Diretor, Autor, Empresário e 2.ª Candidata)
 ATRIZ (numa atitude grandiloquente) — Doravante, só representarei monólogos! Será a minha glória!
 PONTO (ajoelhado) — E eu pontarei tudo para a senhora! Vou dar cada tiro! (beija-lhe a mão)

Pano

(Na abertura do pano, Atriz e Ponto começam a agradecer, atirando beijos para o público. Inesperadamente, aparecem também para agradecer Diretor, Autor e Ator. As 3 candidatas vêm em civeroca, perseguindo o Empresário para que ele faça uma companhia para cada uma delas. Ao cuyirem as palmas, sabem ao palco e cada qual quer jogar mais beijos para o público. Até que a 2.ª Candidata dá um forte empurrão na Atriz e começa a briga de todo mundo. O Diretor grita: PANO! A cortina se fecha e quando abre pela última vez, devem os intérpretes estarem de mãos dadas para o agradecimento.)

FIM



Teatro de Arena
 Av. Borges de Medeiros, 835
 Fone: 226.6222 - CEP 90030-025

